



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE LETRAS**

**JORNALISMO E LITERATURA NA BELLE ÉPOQUE: A CRÔNICA DE OLAVO BILAC  
NA REVISTA KOSMOS.**

Thaís Vinhas da Silva

RIO DE JANEIRO

2020

THAÍS VINHAS DA SILVA

JORNALISMO E LITERATURA NA BELLE ÉPOQUE: A CRÔNICA DE OLAVO BILAC  
NA REVISTA KOSMOS.

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharel/Licenciado em Letras na  
habilitação Português/Latim

Orientador: Prof. <sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Marino do Nascimento.

RIO DE JANEIRO

2020

## **AGRADECIMENTOS.**

ELE NÃO.

Ágatha e Alberto. Meus pais. Luciana Nascimento.

Todos que não acreditaram em mim, mas especialmente para os que acreditaram. Assim como agradeço, dedico esta pesquisa a todos que não sonegam impostos. Partiu...

Segue o Baile!

## SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	1
II. A VIDA URBANA.....	4
III. OLAVO BILAC E A CRÔNICA.....	10
3.1 A CRÔNICA DE BILAC E OS MOVIMENTOS DA CIDADE.....	12
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
V. REFERÊNCIAS.....	22

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Páginas da A Gazeta do Rio de Janeiro, n. 1 10 set.1808 e Correio Braziliense, n. 1, junho de 1808.....	2
Figura 2	Prospecto da Gazeta de Notícias. Edição 1, ano1. N.001, 02/08/1875...	6
Figura 3	Olavo Bilac (em pé, o quarto da esquerda para a direita) entre os membros-fundadores da Academia Brasileira de Letras.....	8
Figura 4	Foto em cartão em homenagem ao autor.....	8
Figura 5	Olavo Bilac e a vida intelectual.....	8
Figura 6	Bilac em seu escritório.....	8
Figura 7	Página de O Álbum, n.27, jul., p.2, 1893. Crônica de Bilac.....	11
Figura 8	Charge da Revolta da Vacina. Revista O malho. 29 de out. 1904.....	14
Figura 9	Uma típica vendedora ambulante.....	16
Figura 10	Negra vendedora de frutas.....	17
Figura 11	Vendedores ambulantes próximos de cortiços.....	17
Figura 12	Recorte do Jornal A Notícia. 27 de novembro de 1904.....	19

# **JORNALISMO E LITERATURA NA BELLE ÉPOQUE: A CRÔNICA DE OLAVO BILAC NA REVISTA KOSMOS.**

## **I. INTRODUÇÃO.**

A leitura de uma crônica de Olavo Bilac publicada Revista Kosmos, realizada durante minha atuação no Grupo de Pesquisa A Cidade e as Letras, foi um estímulo que me levou a questionar o quanto a literatura pode ser utilizada como ponto de partida para a construção de olhares de uma determinada época e lugar. Neste sentido, pretendeu-se fazer um modesto levantamento de olhares e registros da época em que ocorreu a Revolta da Vacina, levando em conta o contexto da Belle Époque carioca.

Ao contemplarmos a cidade, por meio da observação das páginas da imprensa carioca, podemos observar um caleidoscópio de cidades em que o Rio se transformou, nas primeiras décadas do século XX, a partir de um imaginário que fomentava uma “inserção compulsória do Brasil na Belle Époque”, como bem denominou Nicolau Sevcenko. Nesse diapasão, autores como Olavo Bilac, além de outros escritores da literatura brasileira trabalharam em veículos de comunicação com propostas distintas, mas agiram com grau de semelhança quando em suas crônicas criaram as imagens da cidade que nos dão pistas para esboçar o que fora o Rio naquele tempo. Grandes nomes literários apresentaram pontos de vistas diferenciados sobre o Rio de Janeiro, o que nos mostra a cidade multiplicada que interage e se mistura, conforme assinala Nascimento (2015):

Os homens de letras ao relatarem os fatos hodiernos por meio da crônica estabeleceram as conexões entre o fato e a opinião, entrelaçando o real e o ficcional e atuando como testemunhas oculares da história, além de demarcarem a presença do literato no panorama cultural do início do século XX, no período denominado Belle Époque, no que concerne à produção literária veiculada nos jornais. (NASCIMENTO, 2015, p.3.).

O Rio de Janeiro, então capital federal sofreu intensas mudanças urbanísticas, a fim de acompanhar o movimento de modernidade, deixando para trás uma paisagem composta pelo contraste senhor da terra e subordinados e passa a compor uma paisagem no qual podemos observar contraste burguês e operário. A iluminação a gás, a chegada do automóvel dentre outras tecnologias consolidadas pelo avanço no desenvolvimento do capitalismo, trazem novos hábitos ao cotidiano da população, corroborando para novas experiências nesta cidade-laboratório, como bem destaca Nascimento (2011):

As ações remodeladoras de Pereira Passos englobaram diversas áreas, sempre perseguindo um esboço de cidade moderna. A cidade velha, caótica, estreita e confusa foi transformada pela abertura de novas avenidas que a ligava aos bairros;

novas ruas foram abertas e as antigas, alargadas, os velhos prédios de feições coloniais foram demolidos. Abrindo avenidas, construindo novos prédios e redes de águas e esgotos, regulando o funcionamento do comércio e do uso dos logradouros, o engenheiro Passos, aplaudido por muitos. (NASCIMENTO, 2011, p.67).

O confronto entre o que era considerado atrasado e o que se julgava moderno, entre o centro urbano e o subúrbio, entre os signos do progresso e os signos da tradição, o lixo e o luxo, a cidade ideal e a cidade real, a cidade desejada e a cidade condenada, o Rio de Janeiro visível e o Rio de Janeiro invisível, nos leva a uma possível reflexão sobre esse período de transformações na cidade, que por seu turno, apresentou efeitos de ilusão e fachada.

Com a chegada da família real, a implantação da prensa real modificou a circulação da cultura e das informações no Brasil. Inicialmente, A Gazeta do Rio de Janeiro, o primeiro jornal a registrar os atos oficiais do Reinado de D. João VII. E, somente, a partir da independência que se e formou um público leitor que passa a consumir arte, e assim temos a manifestação dos intelectuais, sobretudo, os grandes escritores brasileiros que trabalham para a imprensa:

A imprensa surgiria, finalmente, no Brasil — e ainda desta vez, a definitiva, sob proteção oficial, mais do que isso: por iniciativa oficial — com o advento da Corte de D. João [VI]. Antônio de Araújo, futuro conde da Barca, na confusão da fuga, mandara colocar no porão da Medusa o material gráfico que havia sido comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, de que era titular, e que não chegara a ser montado. Aportando ao Brasil, mandou instalá-lo nos baixos de sua casa, à rua dos Barbonos. (SODRÉ, 1983, p.22.).



Figura 1: Páginas da A Gazeta do Rio de Janeiro, n. 1 10 set.1808 e Correio Braziliense, n. 1, junho de 1808. Fonte: Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional. [www.bn.gov.br](http://www.bn.gov.br)

Novos sentidos são dados aos conceitos de nação, justiça e arte. A modernidade inaugura as ramificações intelectuais da Belle Époque: o liberalismo, o positivismo, o utilitarismo e o humanitarismo que vão dar as bases para o pensamento da época e, sobretudo, na preterida postura ética que a classe dominante impunha. A angústia e a tensão com o novo marcaram profundas transformações entre as classes que se consolidavam com o desenvolvimento da cidade e de sua industrialização. Assim, novos olhares também guiavam as artes, as ciências e a literatura neste processo de modernidade, como poderemos observar nas crônicas publicadas em jornal impresso nesta fase inicial do século XX.

Os cronistas visualizavam os acontecimentos da vida cotidiana e a criatividade de suas crônicas ampliava e ecoa as questões sociais. Nesse sentido, pode-se observar que o cronista funciona como espécie de mediador no campo de forças entre o popular e a cultura das elites, conforme podemos ler nas palavras de Jesús Martins Barbero: “Essa mediação e esse consentimento, no entanto, só foram historicamente possíveis na medida em que a cultura de massas foi constituída, acionando e deformando ao mesmo tempo sinais de identidade da antiga cultura popular e integrando ao mercado as novas demandas das massas.” (BARBERO, 2001, p. 181.). Essa atuação do literato na imprensa fez surgir o periódico literário, conforme nos afirma Marcondes Filho:

É a época de ebulição do jornalismo político-literário, em que as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias. Época em que o jornal se profissionaliza: surge a redação como um setor específico [...] Nessa época do jornalismo literário, os fins econômicos vão para segundo plano. Os jornais são escritos com fins pedagógicos e de formação política. (FILHO, 2000, p. 11-12).

A imprensa teve um papel muito importante para a sociedade brasileira letrada, pois ela era um painel que expressava o que era considerado como civilizado e necessário para a construção do cidadão ou cidadã urbana. Os leitores dos jornais eram os interessados em se diferenciar dos analfabetos e ignorantes, assumindo um papel de expectadores da vida urbana. Cidade.

O corpus deste trabalho foi constituído pelos textos da crônica de Olavo Bilac publicados na Revista Kosmos. Relemos a crônica de Bilac, tendo como horizonte uma reflexão sobre a modernidade.



## II. A VIDA URBANA.

Se das cidades já se sabe serem elas “uma obra coletiva que desafia a natureza”, um olhar sobre o Rio de Janeiro do início do século XX, nos leva a uma reflexão sobre o poder do urbano como *modus vivendi* e como imaginário que modela a modernidade de início do século XX.

Foi justamente o fenômeno da cidade moderna do século XIX o que modificou profundamente a relação dos indivíduos com o espaço. Assim, situar-se e orientar-se é indispensável para a existência humana, conforme afirma Claval: “as relações do indivíduo com o espaço fazem partes dos primeiros aprendizados culturais e não cessão de se desenvolver” (CLAVAL, 2014, p.197). Assim, as transformações dos espaços interferem diretamente na composição dos elementos culturais, e por isto acabam tornando-se objeto de discurso. Fazer parte de um grupo social exige a capacidade de situa-se, que, desdobra-se em uma relação de imagens registradas na memória que se faça perceber a permanência em determinada circunstância por certo tempo. Neste sentido, este capítulo tem por objetivo situar o contexto da Belle Époque, a cidade e a moderna vida urbana e seus acontecimentos.

A partir da metade do século XIX, o mundo estava em efervescência de ideias e ações que consolidavam o sistema capitalista no ocidente, bem como houve uma mudança de pensamento que indicava o apogeu da ciência e do pensamento racional:

Pode-se considerar a passagem do século XIX para o XX como o período por excelência das grandes transformações históricas e sociais nas quais a matriz iluminista foi reafirmada e ampliada. Tais transformações implicaram mudanças em todas as dimensões da vida humana, desde os aspectos materiais (produção de alimentos, bens de consumo, bens culturais, crescimento das cidades) até os sociais e subjetivos, a necessidade de rapidez e pontualidade, a magia da luz elétrica e o surgimento de uma nova classe – a operária – com um modo de vida determinado pela indústria. Apesar de todas essas transformações, esse período foi também pontuado por contradições: de um lado, a hegemonia do poderio burguês, de outro, a exibição do espetáculo da miséria e dos flagelos sociais. Enquanto processo mundial e global, a modernidade se realiza num jogo de perder-ganhar, de destruir-construir. A partir da virada do século XX, “modernizar” significou incorporar o modo capitalista de organização do trabalho e da produção. Entretanto, esse processo foi vivido de forma diferenciada pelas várias culturas, apesar de suas estruturas básicas terem se estendido por todo o planeta. A modernidade concretiza-se com seu principal ícone – a cidade, que vai configurar-se como vitrine dessas inovações. (NASCIMENTO, 2011, p.27).

Em um plano mais geral, a segunda fase da Revolução Industrial corroborou para o intenso fluxo de transformações que promoveram mudanças essenciais para a consolidação das urbes. O Rio de Janeiro e São Paulo foram dois grandes blocos afetados por estas novas facetas. Em meio à revolução dos transportes (propagada pela máquina a vapor), a

informação vencia a barreira da distância, a velocidade permitiu uma significativa melhoria para as condições de vida material. No entanto, o consumo começa a ganhar novas configurações, tem-se um aumento significativo na produção que dava novo valor às mercadorias. E este novo cenário concebeu novos aspectos da força de trabalho.

Já na segunda metade do século XIX, o jornal já possuía um destaque na sociedade, pois uma vez amparados pelo desenvolvimento das novas tecnologias da época e abertura de novos mercados, criou-se a necessidade da ampliação dos canais de comunicação social, em especial de cunho informativo. O jornal como grande locomotiva da moderna vida urbana teve papel decisivo para os rumos da vida social e para a mudança nas sociabilidades. No jornal, as cores da modernidade apareceram de forma gradativa, uma extensa fonte de aglomerado de registros das modificações do cotidiano da cidade, porém é relevante mencionar que tais registros estão sob o olhar do funcionário da imprensa.

Entre o final do século XIX e início do século XX, em muitos periódicos, podemos rastrear o aflorar de ideias que influenciaram na tradução da imagem do progresso material e social incorporados à sociedade carioca. O discurso do novo e do progresso se manifestava nos próprios editoriais dos jornais como podemos verificar no Prospecto do Jornal Gazeta de Notícias, em sua primeira edição em 1875: “Além d’um folhetim romance, a Gazeta de Notícias todos os dias dará um folhetim de atualidade. Artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis, de tudo a Gazeta de Notícias se propõe trazer ao corrente os seus leitores.” (Gazeta de Notícias. Edição 001, ano1. N.001, 02/08/1875. P. 1. PR\_SPR\_02764\_103730).

# GAZETA DE NOTÍCIAS

ESCRITORIO: 70, RUA DO OUVIDOR, 70

Prospecto.

Assignatura por mez: 1\$000.  
Numero avulso: 40 rs.

Prospecto.

## TELEGRAMMAS

Agencia Havas-Reuter.

A *Gazeta de Notícias* publicará diariamente todos os telegrammas politicos e commerciaes, tanto da paz como do estrangeiro.

Das suas distincções economicas, que passao a vida na politica da administração local.

No período immediato a uma promissa, o *Gazeta de Notícias*, sem proceer apegado, no segundo attende a elle a attenção e a parte principal da sua actividade a aquelle a ser procurado; no quarto a parte da direita e volta a esquerda. E' impossivel dizer quanto durará cada um d'estes períodos, pois que na sua direcção influencia os acontecimentos politicos, a riqueza da collecta, a direcção que tomar o espirito da especulação e o estado da opinião publica.

O *Diário de Notícias*, de Lisboa, tem uma tiragem de 25 mil exemplares. A tiragem do *Paris Journal*, de Paris, que e o mais generoso, regula 100 mil exemplares.

Quanto a *Gazeta de Notícias*?

Além d'uma folha de noticias, a *Gazeta de Notícias* todos os dias dará um folhetim de actualidade. Artes, litteratura, theatro, modas, acontecimentos notaveis, do tudo a *Gazeta de Notícias* se propoe trazer no corrente os seus leitores.

O *tribuna do Brasil* e quem se do quinta e sexta de Paris. Se a provincia de Minas e maior de que esta seja.

A divida publica consolidada portugueza teve origem em 1793, no reinado de D. Maria I.

O primeiro empréstimo feito pelo real erario foi de 4000 contos de reis, ao juro de 5 % ao anno. Setenta e oito annos depois (1874) o capital nacional da mesma divida estava elevado a 350.000 contos de reis, sendo forte.

A *Gazeta de Notícias* fornecerá aos seus leitores as informações commerciaes que mais possam interessar-lhes, procurando

## FOLHETIM

Ha uma coisa muito rara em todos os folhetins que desapparece o programma.

Não ha folhetim de qualidade alguma que, para impugnar ao publico uma folha de papel impresso pelos quintos leões, não imagine logo que e necessario declarar, em typo grosso e entrelaçado, se que ch'vra.

Ao que ch'vra, digo eu: ao que tem turgor de vida.

A rigor, considerando-se que os ministerios nosso fazem um curio da sua futura credenda. Noventa vezes sobre oventa e seis e o numero que ao não flaccido, mas e nao.

Dizem elles, por exemplo: vamos occupar-nos de estudar a questão dos impostos. De o cidadão sabe que na primeira occasião tem a decida uma differença de vinte por cento para mais.

Ha politica, serve o programma para circular os olhos do proximo.

nação merecer uma benevolencia, e protecção.

Ja coexistem e funcionam no Povo das fozes da rua do Goncalves Dias a central electrica que dá aos consumidores o signal da partida, em substituição ao antigo apito.

Foi a conclusão caso do Grande Molino que fuzeram o aparelho, uma das especialidades da sua actividade.

Na conhecida casa do Sr Insley Pacheco tem sido logar algumas experiencias de photographia em chromo-type.

Possuimos uma d'essas photographias, o realmente as que tem visto feitas na Europa, não lhe ganham na perfeição do trabalho.

## CORRESPONDENCIAS.

A *Gazeta de Notícias* receberá correspondencias de interesse particular, que serão publicadas em secção especial.

Uma das razões por que os calceiros não querem estradas de ferro e por ahi se vêem os vagões mais do que um cavallo e toda a brida. Obedecem os deuses dos caminhos de ferro pelos que pôde causar um cavallo desenfreado atravessando as ruas estreitas de uma cidade.

A *Gazeta de Notícias* distribue-se por toda a cidade, sendo-lhe avarias nas principais igrejas, estações de bondes, barcos, e em todas as estações da estrada de Ferro do D. Pedro II.

Muito Grande e maior de que qualquer Estado europeu, excepto a Russia. Responde esta, e se não posso ter ao que os tres milhões de habitantes todos juntos, e e absolutamente maior do que a Alemanha e a Austria, ou do que a Alemanha, a França e a Hespanha, ou do que todas as potencias de Europa.

A publicação da *Gazeta de Notícias* começou a ser interrompida nos primeiros dias de autoconhecimento nas principais folhas de Corte e Provincia.

As principais crises necessarias que nos tempos modernos tem soffido a Inglaterra, foram sempre precedidas das seguintes circumstancias:

1.º Que não se agita a mente pratica nos fornos?

Um programma!

Teria de ter sua graça se a *Gazeta de Notícias* visse a luz com um artigo choruscado a explicar a população e por que firma vem comecar para a salvação do estado e a marcha da civilização.

Pois a gente sabe lá hoje o que ha de fazer amanhã?

Sabe lá se tem que defender Belluno, ou atacar a, ou tem de prestar um serviço ao pequeno commercio, ou de adrejar a causa dos trabalhadores do gar?

Sabe lá se terá de occupar-se de theatro, ou se de preferencia dará noticia d'um bom livro, d'uma sciencia nova, d'uma originalidade qualquer ou de qualquer banalidade?

Fazer um programma e o mesmo que dizer ao publico:

1.º abundancia do dinheiro; 2.º taxa do juro baixa; 3.º especulação de qualquer especie.

Na mesma época de 1825 e a primeira e a ultima d'esse circumstancias.

As principais crises que actualmente se tem dado em Inglaterra, occorrem em 1825, 1834, 1839 e 1847.

Não se agita a *Gazeta de Notícias* sem de parte, apenas a parte do que se tem de interesse geral, deixando a parte de interesse de cada um de seus leitores.

No 1840 na Inglaterra, o parlamento exigiu que todas as companhias de estradas de ferro que requerem appropriação legal, depositassem 10 por cento do seu capital, dentro dos primeiros 15 dias depois de receberem as cartas.

Para depositar foram calculados em 14 milhões de libras esterlinas.

As notas que estão se achavam em poder do publico não passavam de 20 milhões esterlinas.

E' claro que todo o mundo se abateu desde logo como seria possível pagar com as notas emitidas em circulação uma enorme massa de dinheiro.

O Banco de Inglaterra, porém, fez a operação de estado, que se desgracia: entrou o dinheiro, como era de direito, no mercado, pagando assim em grande difficuldade a transacção do descomunal empréstimo.

Para não facilitar a subscrição da *Gazeta de Notícias*, as subscrições serão feitas por qualquer tempo, a vontade do assinante, ficando-se sempre ao fim do anno.

O preço será de 18000 annos, ahi se acham, accretando para fins da obra os portos do Correo.

No anno de 1873 occorreu de fuma na cidade de Londres 107 pessoas.

Pois tem!

Vendidos ultimamente em Paris, por 35 francos, um revolver que tem servido para o suicidio de cinco pessoas.

Quem o comprou ainda se não suicidou.

As palavras de fôr da Creta que quando tem a sua significação podem fazer a realidade de uma importância em solas, valiosas, ou curta segura.

Direcção: A Redacção da *Gazeta de Notícias* 70, rua do Ouvidor, Creta

— Mas senhores, eu confesso todos as suas necessidades, todos os seus desejos, todas as suas aspirações: ao qual e o remedio a applicar-lhes, sei tudo. Pois vos transformo-lhes, sem mais nem mais, em algarismo no pulso, este valia de legião, e os meus tomam todos d'essa especie, e os meus tomam todos d'essa especie, e os meus tomam todos d'essa especie, e os meus tomam todos d'essa especie.

No dia seguinte, o leitor, que está indolente na posição da pedra onde hade ler com a senhora e os meus tomam todos d'essa especie, e os meus tomam todos d'essa especie, e os meus tomam todos d'essa especie, e os meus tomam todos d'essa especie.

Justamente o mesmo dia e folha, occupa duas columnas a tercia d'um assumpto do maior interesse — uma sessão do Instituto Historico — mas a respeito da lenda, sem palavra.

O leitor, que se fia no programma, foi

## ANNUNCIOS

### O MOSQUITO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Escritorio

70—Rua do Ouvidor—70

MOREIRA, MAXIMINO & C.  
Loja de papel, livros em branco e toda a sorte de objectos d'escritorio

Agencia da REVISTA OCCIDENTAL.  
Rua da Quitanda, 111, plaza.

J. P. HILBERANDT

NOVA TYPOGRAPHIA

Esta bem conhecida officina, sempre habilitada a imprimir com nitidez qualquer obra, por mais que seja.

RUA DA ALFANDEGA 87

Sobrado.

### OS FERRÕES

Publicação quinzenal

Analyse critica e satyrica dos acontecimentos do dia. Vendese a 1000 annos, nas livrarias de Moreira Maximino & C., e na da Quitanda n. 111, e E. G. Passalun, rua do Ouvidor, 71.

J. J. CARNEIRO

PHOTOGRAPHO

Succesor de

CARNEIRO & GASPAR

Rua de Goncalves Dias n. 64

MONSTRADOR PERMANENTE NA

Rua do Ouvidor.

### PRECISA-SE DE bons

regadores para fazerem a distribuição da *Gazeta de Notícias*: para tratar, no escritorio, rua do Ouvidor n. 70.

desapontado, e continha a não saber se deve entrar a sua barba no barbeiro do Passos, ou no canal de Mangue.

A proposito de programma, contome agora mesmo um amigo uma creche de contos com um rei.

Que rei era, não chegamos a um accordo sobre quem havia de ser o heros da historia. Queris não que fosse o Sr D. João VI, de taboquinha marmorea; mas se optei que deixassemos em paz a memoria d'um rei que em sua vida tanto honrou os canjes apresentadas, preferido attribuir o dito a algum rei da Inglaterra: mas isso tambem era muito aventurar, e creio o melhor e contar o conto e deixar lá o rei.

Havia, pois, sua Magestade permitto so ser por uma constituição.

O perito baten palmas do contenta, e foi-se cada um para em casa esperar por ella.

Passaram-se meses, passaram-se annos

## LITHOGRAPHIA A VAPOR

Pablo Robin.

N. 44 — Rua da Ascensao — 44.

Retratos a pizagens a lapis e a penne, mapas, plantas topographicas, noções, diplomas, lettras, facturas, cartões, circulares, e todos os trabalhos concernentes ao commercio, fotos em gravura, e autographia, quadros, rotulos e cartões em CHROMO-LITHOGRAPHIA

FRANCISCO ROSSI

ENGENHEIRO ARCHITECTO

ESCRITORIO

Rua dos Ourives n. 45

Soleto.

## Medicina, Cirurgia e Partos

CLINICA DO

DR. JOAQUIM PEDRO

Residencia — rua do Cutumby

N. 28, onde tambem dá consultas

das 7 as 8 horas da manhã.

Consultorio — rua de Goncalves

Dias 14 das 11 a 4 horas da tarde.

N. 11 — Para o consultorio deves ser dirigido os elevados da cidade a qualquer hora.

CLINICA D'OPHTHALMIA

RUA DOS OURIVES 45

antigo n. 55

Cardoso & Gomes

Offerecem de Exercicio familiar e

mais completo tratamento de fac-

culas e nevralgias pelas forças

dos febriles.

Chapelin Progresso

N. 101

RUA DO HOSPIÇO

F. A. ALMEIDA

Deposito de chapéus pa-

teinte, de castor, lebre e

outras qualidades.

— eram equaes do pan de açucar — o da

constituição, sem noticias. O povo al-

nal cansado d'esperar e foi ao regiao

paços perguntar a Sua Magestade pelo

que lhes havia prometido.

O rei, sem se commover, respondeu pa-

ramentalmente aos que haviam tomado a

liberdade para lhe recordar a sua:

— Certamente, meus fillos, certamente.

Prometti-vos uma constituição, não ha de

vida. Mas parecem que ainda não estão

em falta... prometti-vos e verdade, mas não

dizeis para quando... Ora, ide para casa

desempolados, que um dia tereis a consti-

tuição.

Os programmaes, em geral, são como as

constituições do tal rei.

Nada, nada.

O modesto programma d'um jornal que

que aguarde ao publico e — aguarde-lhe

seus programmaes.

Bom.

729. Rua d'Alfandega 87.

Figura 2: Prospecto da Gazeta de Notícias. Edição 001, ano I. N.001, 02/08/1875. p. 1. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

Em uma pequena varredura realizada na vasta quantidade de periódicos preservados na Biblioteca Nacional em seu acervo digitalizado, já é notório observar que o jornal além de um grande celeiro de notícias era também o difusor de ideias. Mas quem eram os funcionários da imprensa? Nesta fase, o jornal advém de uma comunidade intelectual, privilegiada por conta do letramento. Assim, nos apoiando nas reflexões de Rama, podemos tentar responder ao questionamento em tela. Angel Rama, em sua obra *A Cidade e as Letras*, (1985), nos apresenta um levantamento dos aspectos culturais latino-americano, sobretudo no período de 1870-1900 e das relações entre literatura e sociedade, nos mostrando que essas se dão no mais das vezes, no bojo das relações de poder das quais participam os homens letrados e a imprensa é catalisadora e instrumento auxiliar da formação da “cidade das letras”. (RAMA, 1985, p.100).

No contexto da modernidade do século XIX e da Belle Époque de matriz francesa, a fotografia foi uma das inovações, tendo sido um elemento do qual a imprensa se apropriou e assim, as reportagens antes unicamente descritivas deram lugar à publicações fartamente ilustradas e à crônica fotográfica. A fotografia, sem dúvida, captou o instante fugidio que estava destinado a passar como lampejo e o eternizou, garantindo, assim, um estatuto de arte para a técnica fotográfica. No cenário urbano, o *bas fond* é registrado por meio da fotografia, técnica que foi trazida ao Brasil por D. Pedro II e que ganhou notório espaço na vida social, como bem destacou Mauad (2005):

a capital federal passou por intervenções cirúrgicas na sua forma urbana, resultado de uma política que visava a moldar a metrópole tropical à imagem e semelhança das cidades temperadas. Nesse sentido, *bulevares* substituíram *vielas*, *cafês* e *confeitarias* os *freges* e *quiosques*, e o *pacato* cidadão deu lugar ao *dandy* ou ao *smart* ; todas as instâncias do viver em cidade foram sendo adequadas a um novo padrão de comportamento. Nesse processo, as revistas ilustradas de críticas de costumes, publicadas na cidade desde o início do século, tiveram um papel fundamental. Janelas que se abrem para o mundo por meio dos clichês fotográficos, os periódicos ilustrados possibilitaram a divulgação e assimilação rápida de imagens de pessoas, objetos, lugares e eventos contribuindo, de forma decisiva, para a criação desse novo padrão de sociabilidade. (MAUAD, 2005, p.152.).

A partir de um olhar de mero espectador do século XXI, em muitas das fotos da Belle Époque carioca podemos inferir algum teor da captura de algum movimento com ar de serenidade, glamour, exaltação ao belo, em uma atmosfera voltada ao deleite das coisas boas, sem lugar para angústia, como no caso das fotos de família e registro do cotidiano da vida urbana. Como podemos observar em algumas fotos de Olavo Bilac e de sua vida social e intelectual.

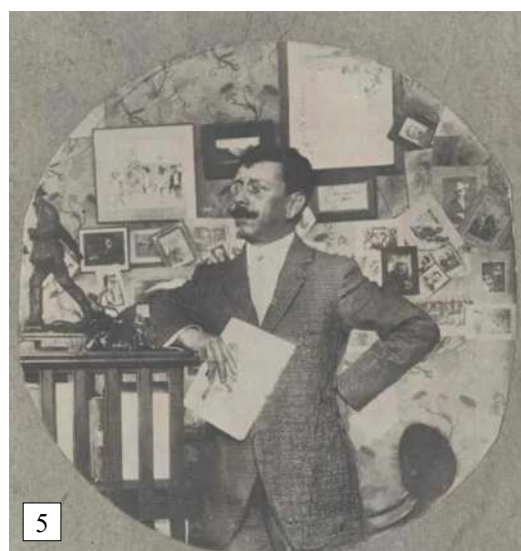


Figura 3. Olavo Bilac (em pé, o quarto da esquerda para a direita) entre os membros-fundadores da Academia Brasileira de Letras. Na mesma foto grandes nomes como Machado de Assis. Fonte: <https://www.portugues.com.br/literatura/olavo-bilac.html>

Figura 4: Foto em cartão em homenagem ao autor. Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

*Figura 5. Olavo Bilac e a vida intelectual. Fonte: <http://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac> .*  
*Figura 6. Bilac em seu escritório. Fonte: Blog Nossos Vizinhos Ilustres.*  
*Fonte: <https://nossosvizinhosilustres.blogspot.com/2017/09/olavo-bilac.html>*

A matriz parisiense da Belle Époque reforçou as ideais de tranquilidade que o processo da civilização oferecia, em um olhar mais atento aos fatos históricos, por meio de uma visão macro da situação política, não poderíamos afirmar o mesmo. Em contraponto, vemos uma nação que sofria as consequências do Tratado de Frankfurt (1871), no qual foi consolidado o Tratado de Versailles. Portanto, os franceses ficaram com uma multa de 5 bilhões de francos para o Império Alemão, além de perder rotas comerciais importantes como o Alasca e Mosela, posto que o exército Alemão permaneceria na França até o pagamento da dívida. Esse contraponto hostil não é evidenciado facilmente no acervo fotográfico de Paris que nos chega, tendo em vista que o que se impôs ao imaginário coletivo, que se tratava de um período de paz. Em relação ao Rio de Janeiro, verifica-se algo semelhante: em contraponto às muitas fotografias cariocas, apesar da escrita dos jornais terem colaborado para esse cenário de bonanças da modernidade, houve um avesso dessa sociedade, o que era invisibilidade por razões estratégicas do poder. (HOBSBAWN, 1988).

Retomando a reflexão sobre a relação de poder e ordem, podemos afirmar que a intelectualidade não atua sozinha no panorama cultural, mas muitas das vezes, ela se filia ao poder constituído, pois o intelectual fala a partir de um lugar que ocupa, sendo que “o poder político não está ausente do saber” (FOUCAULT, 2002, p.77.). Nesse sentido, todo discurso produzido em uma sociedade não se faz isento de ideologias, mas antes se situa dentro das relações de poder, pois de acordo com Foucault, o discurso que ordena a sociedade é sempre o discurso daquele que detém o saber. Além disso, ele identifica o sujeito como aquele que está sempre determinado pelas ideias emanadas pelos superiores, ou seja, pela classe que domina ideologicamente determinada sociedade, conforme atesta o filósofo francês:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Diante do exposto, vale ressaltar que o autor do corpus desse trabalho pertencia à “elite intelectual” e assim sendo, seu posicionamento acerca de muitos dos acontecimentos da cidade estava aliado ao discurso do poder constituído. No Capítulo seguinte, faremos uma leitura da crônica de Olavo Bilac publicada na Revista Kosmos.

### III. OLAVO BILAC E A CRÔNICA.

Em fins do século XIX ocorreu uma importante transformação tanto no papel do jornal, como na atuação social do literato na cidade, pois, foi o momento da profissionalização do ofício de escritor. Nesse sentido, os homens de letras passam a ser remunerados para atuarem nos jornais, além da publicação de folhetins, a crônica ganhou relevo especial no contexto da vida urbana por ser o gênero da rapidez, do fragmentado e da fugacidade:

É extensa a lista de cronistas que procuraram caracterizar a cidade, desde o final do século XIX, destacando ora o pitoresco da natureza, ora um aspecto da vida social, ora o ambiente cultural em que se moviam os habitantes do principal centro urbano do país. Em todos eles transparece a referência ao novo, embora nem todos o associem à civilização tão esperada. Seria impossível tentar expor, nos limites desta resenha, a maior parte das obras e autores envolvidos na tarefa de traduzir aquele mundo, àquela hora. Além do mais, supérfluo. Pois este trabalho já foi magnificamente realizado por Nicolau Sevcenko, na apreciação crítica da atmosfera intelectual da belle époque carioca (Sevcenko, 1983). (CARVALHO, 1985, p. 8.).

Nesse sentido, uma plêiade de cronistas que se formou na imprensa carioca da Belle Époque, dentre os quais podemos destacar o pioneiro José de Alencar, com sua coluna Ao correr da pena, na Gazeta Mercantil, Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio e Olavo Bilac, entre outros. Sobre Olavo Bilac, destacamos sua interessante trajetória que foi desde estudante de Medicina e de Direito e que inicia sua carreira literária, a partir da publicação de um soneto no jornal da Faculdade de Medicina. Afeito à Boemia literária, Bilac passou por apuros financeiros, mesmo exercendo o cargo de cronista principal da Gazeta de Notícias: “Para sobreviver Bilac tinha de pôr a pena e o papel à disposição dos serviços os mais variados: era colaborador de pequenos jornais, autor de quadrinhas para propaganda, tradutor e escritor de livros didáticos.” (SANTANA, 2013, p. 43-44.).

Após abandonar a Faculdade de Direito em São Paulo, Olavo Bilac retornou ao Rio, publicou seu primeiro livro de poesias e no ano seguinte, passou a colaborar com vários jornais, dentre elas, A Rua, Correio do Povo e Gazeta de Notícias, momento em vai gradativamente ocupando sua carreira literária com a atividade jornalística:

O abandono dos versos e a dedicação ao jornalismo refletiam, deveras, a difícil condição da vida intelectual no fim do século XIX. Viver, somente, da arte era algo árduo e bastante precário, o sustento dos homens de letras garantido com as crônicas que publicavam nos vários periódicos da época. Essa transmutação de poeta para cronista Bilac retrata na crônica “Desertor”, publicada pela Gazeta de Notícias em 29 de abril de 1890. (SANTANA, 2013, p. 47).



Engajado na “cidade das letras” e marcando uma posição de luta pela valorização do escritor e da vida intelectual, Olavo Bilac revela em suas primeiras crônicas, a importância do papel do intelectual como locomotiva do progresso e como difusor de ideias civilizatórias:

Quando o Brasil tiver uma literatura, quando o homem de letras desta terra não escrever mais para um povo de analfabetos, os que vierem depois de nós não de agradecer-nos este sacrifício nobre, este trabalho ingrato de estar fazendo o desbravamento do caminho entre as assuadas dos imbecis. Nem ninguém nos paga, nem ninguém nos lê. Fazendo arte neste meio de mercantilismo inconfessável e de política baixa, provocamos um escândalo tão grande como o dos anjos, que baixaram a Sodoma e tiveram que fugir horrorizados. (BILAC, 1893. O Álbum, n.27, jul., p.2).



Figura 7: Página de O Álbum, n.27, jul., p.2, 1893. Crônica de Bilac. Acervo Fundação Biblioteca Nacional.



Ressalte-se que a defesa da vida intelectual e da atividade jornalística se faz presente em muitas das crônicas de Olavo Bilac. Sob o pseudônimo de Fantásio, o escritor em *A Bruxa*, assim se manifesta:

Não podendo romper essa espessa muralha de ignorância e de indiferença, a classe dos homens de letra vegeta desconhecida e pobre; quase todos nós escrevemos para os oficiais do mesmo ofício: – temos assim um público escolhido e inteligente, mas (ai! de nós!) um público que não paga, (...) Ninguém escreve unicamente pela satisfação de escrever. (...) Quem escreve (...) quer ainda ver pago o seu trabalho, não só em louvores, mas também em dinheiro. Escrever por escrever, é platonismo, que, como todos os platonismos, é inepto e ridículo. (BILAC. FANTASIO. Crônica. *A Bruxa*, jan. 1897. In: DIMAS (2006, v. 2I, p. 47).

Citamos, ainda, como exemplo, uma crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, de 02/08/1903, na qual o escritor tece comentários sobre a atuação do literato na atividade jornalística:

Hoje, não há jornal que não esteja aberto à atividade dos moços. O talento já não fica à porta, de chapéu na mão, triste e encolhido, farrapão e vexado, como o mendigo que nem sabe como há de pedir a esmola. A minha geração, se não teve outro mérito, teve este, que não foi pequeno: desbravou o caminho, fez da imprensa literária uma profissão remunerada, impôs o trabalho. Antes de nós, Alencar, Macedo e todos os que traziam a literatura para o jornalismo, eram apenas tolerados: só a política e o comércio tinham consideração e virtude. Hoje, oh! espanto! Já há jornais que pagam versos! (BILAC, 1996, p.56.).

Essa manifestação em prol das letras, da vida literária e da função pedagógica do jornal se fez recorrente ao longo da carreira de Olavo Bilac e como cronista privilegiado da cidade do Rio de Janeiro, o escritor demonstrou seu olhar sobre a urbe e a sua modernização, tomando para si a missão civilizadora do intelectual em tempos modernos.

### **3.1. A CRÔNICA DE BILAC E OS MOVIMENTOS DA CIDADE.**

No âmbito da urbe engendrada pela modernidade do século XIX, como dito anteriormente, o desenvolvimento da imprensa se deu aliado ao desenvolvimento da cidade e escrever a cidade, discutir os assuntos do momento e fixar literariamente esse espaço tornaram-se tarefas do escritor. Julio Ramos (2008), em sua obra *Desencontros da modernidade na América Latina*, nos afirma que o exercício de escrita literária foi um

importante instrumento na formação da nação e da afirmação do estado nacional: “Escrever, a partir de 1820, respondia à necessidade de superar a catástrofe – o vazio de discurso, o cancelamento das estruturas – que as guerras tinham provocado. Escrever, nesse mundo, era dar forma ao sonho modernizador; era civilizar, ordenar o sem-sentido da barbárie americana.” (RAMOS, 2008, p. 28).

Portanto, nessa formação da “cidade das letras”, vale ressaltar que na imprensa periódica, além de uma variedade de gêneros literários e/ou discursivos, um gênero ganhou relevo – a crônica. Ocupando a seção de variedades do jornal e pela sua própria etimologia, a crônica está ligada ao fator tempo – Chronos, deus do tempo e, paradoxalmente, embora se caracterize por ser o texto dedicado a tematizar a fugacidade da vida moderna, ela se eternizou na nossa literatura e se adaptou ao solo brasileiro, sendo ela, “filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão de cozinha.” (CANDIDO, 1992, p. 14.).

Além de “filha do jornal e da máquina”, a nossa crônica é também, “filha do folhetim,” Walter Benjamin, em *Paris: capital do século XIX*, demarca que na modernidade do século XIX, o folhetim e a fisiologia se constituem como “gênero radicalmente pequeno-burguês” e denotam a aliança entre a literatura e a técnica. (BENJAMIN, 2000, p. 34):

A nossa crônica, como hoje é conhecida, é filha legítima do folhetim (do francês *feuilleton*), que consistia em um espaço localizado no rodapé dos jornais, com o objetivo único de divertir ou entreter o leitor, como uma espécie de pausa ou de bônus para os olhos cansados das notícias densas que sempre povoaram os periódicos. (AL FAHL, 2010, p. 34).

Assim, é através da crônica que Olavo Bilac tematiza em suas crônicas a urbe enquanto espaço de sociabilidade e lócus da civilização, documentando “a intensa transformação que acometeu a cidade do Rio de Janeiro, não somente o seu desenho urbano, mas principalmente o modo das pessoas se relacionarem.” (SANTANA, 2013, p.108.). Assim, a Belle Époque brasileira encontrou sua inspiração na Belle Époque francesa e sua reforma trouxe os princípios da grande reforma urbana de Paris empreendida pelo então prefeito, o Barão de Haussmann:

A elite carioca queria tornar a cidade uma “Europa possível”. Para concretizar a ficção da “Europa Tropical” foi iniciada, em 1905, a grande reforma urbana empreendida pelo então Prefeito Francisco Pereira Passos, que havia se formado em Paris, onde chegou nos anos finais da reforma empreendida por Haussmann. Reunindo um grupo de engenheiros e especialistas com a finalidade de colocar em

prática seu projeto de reforma, ele encarregou-se do planejamento global da cidade. O saneamento do Rio era visto como um projeto de extrema urgência... (NASCIMENTO, 2011, p.64.).

Além da grande reforma urbana que colocou a Avenida Central como destaque na vida social carioca, também o triunfo da ciência, que se concretizava na vacinação em massa realizada pela campanha de Oswaldo Cruz, ganhou destaque no cenário da cidade. Mas, ao contrário do que se pretendia, a vacinação gerou uma grande revolta, a chamada Revolta da Vacina, o que caracterizou, segundo Nascimento (2013), “os avessos da Belle Époque.” A Revolta é descrita tanto pelos historiadores contemporâneos como pela imprensa da época como um palco de guerra, conforme Sevcenko:

[...] calçamentos revolvidos, casas ruínas, janelas estilhaçadas, portas arrobadas, trilhos arrancados, restos de bondes, carros e carroças calcinados nas ruas, crateras de dinamite e petardos, ruínas de prédios incendiados, lâmpadas quebradas, postes, bancas, relógios e estátuas arrancadas, trincheiras improvisadas dos mais variados materiais, barreiras de arame farpado, perfurações de bala por toda parte, manchas de sangue, cavalos mortos, cinzas fumegantes. Um número incalculado de mortos e feridos, perdas e danos materiais inestimáveis, uma atmosfera de terror que se faria sentir até dois anos mais tarde. (SEVCENKO, 2010, p. 52.).



Figura 8: Charge da Revolta da Vacina. Revista O malho. 29 de out. 1904, ano III, n. 111.  
Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

É esse mesmo cenário de perturbador que Olavo Bilac descreve em sua crônica, a Revolta da Vacina na Revista Kosmos. A Kosmos foi uma revista ilustrada que circulou entre 1904 e 1909, e que, se caracterizou pela sofisticação gráfica expressa no Art Nouveau.

Na crônica publicada na Revista Kosmos, em 20 de novembro de 1904, cuja diretriz editorial se situava na exaltação da modernidade e da cidade como elementos de civilização, Bilac faz um repasse do cenário de horror da Revolta da Vacina:

As arruaças deste mês, nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas, vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas, murmurar que o governo tenciona degolar todos os católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos... E a gente humilde aceitará como verdade essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vacina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se preguem editais aniquilando a calúnia, e pouco importa que todos os jornais destruam a infâmia em artigos, em notícias, em anúncios: a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram e a sua revolta brutal e irresponsável continuará a servir de arma aos especuladores. No Rio de Janeiro, e em toda parte os analfabetos são legião. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive; não é homem, é um instrumento passível e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio. (BILAC. Revista Kosmos, 20 de nov. de 1904).

Acima de tudo, destaca-se na crônica de Bilac, um aspecto central na sua reflexão, que se dá através de uma nota triste e dissonante, o equívoco de um processo de modernização feito de cima para baixo, sem levar em consideração as peculiaridades do povo:

[...] O Rio de Janeiro convalesce agora da sua última crise. Não foi propriamente uma doença —, aquilo que tão profundamente abalou a cidade há últimos dias: foi uma crise, — uma crise de idade, crise de desenvolvimento nacional. Um povo não se forma de uma só vez, por milagre: não é com meia dúzia de decretos que se civiliza uma aglomeração de homens, dando-lhe coesão e consciência. [...] E não sei bem para que servirá dar avenidas, árvores, jardins, palácios a esta cidade, se não derem aos homens rudes os meios de saber. [...] O problema que tem de ser resolvido é o da instrução. [...] O Brasil está cheio de escolas superiores e ginásios. Quando chegará o dia em que possamos ter menos academias e mais escolas primárias, — menos aparência e mais fundo, menos retórica e mais cartas de Abc? (BILAC. Revista Kosmos, 20 de nov. de 1904).

Ressalte-se que Bilac fornece uma série de informações sobre o Brasil dos 1900, herdeiro de uma tradição escravocrata e que olvidava a educação para o povo e vedava a participação popular na vida política, conforme dispunha a Constituição Federal de 1891:

Art 70 – São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei.

§ 1º – Não podem alistar-se eleitores para as eleições federais ou para as dos Estados:

1º) os mendigos;

2º) os analfabetos;

3º) as praças de pré, excetuados os alunos das escolas militares de ensino superior;

4º) os religiosos de ordens monásticas, companhias, congregações ou comunidades de qualquer denominação, sujeitas a voto de obediência, regra ou estatuto que importe a renúncia da liberdade Individual. (BRASIL, 1891).

Pela disposição legal, observa-se que havia um alijamento do povo no que tange ao exercício pleno da cidadania, o que caracterizava o caráter excludente da modernidade, embora esta apontasse a cidade como lócus da civilização. A título de complementação, recorreremos às fotografias, no que concerne ao registro dos excluídos e avessos da modernidade carioca. Vejamos alguns exemplos:



Figura 9: MALTA, Augusto. [Morro do Castelo]: C. da Floresta, uma típica vendedora ambulante. Fonte: Portal Augusto Malta





*Figura 10: HENSCHEL, Alberto. [Negra vendedora de frutas], nela podemos observar as condições do trabalho de vendedor ambulante em ambiente cotidiano, diferente da foto anterior que faz uma produção.*



*Figura 8: FERREZ, Marc. Foto dentro de um contexto cotidiano, vendedores ambulantes próximos de cortiços.*

Oswaldo Cruz, cientista sanitaria e autoridade em pesquisas sobre epidemia, esteve no olho do furacão de uma série de acontecimentos políticos públicos em saúde que se desdobrou no estopim de uma grande revolta popular que durou sete dias. Na Gazeta de Notícias, de 20 de novembro de 1904, Bilac também tece seus comentários sobre a Revolta da vacina:

Quando cheguei à Avenida, os operários, tendo em vão tentado resistir às ameaças das feras, recolhiam à pressa as suas ferramentas: as enxadas, as picaretas, os martelos (...) Era o medo pânico do trabalho diante da calaçaria amotinada, era a fuga da civilização diante da barbárie vitoriosa. (...). Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados às pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitaria Oswaldo Cruz. (BILAC. Gazeta de notícias, 1904. n. 325, p. 1).

Nota-se tanto na crônica de Bilac como nas notícias da imprensa, em geral, o quanto a Revolta foi intensa. Pode-se dizer que a esse evento foi um campo de guerra que deixou um grande número de mortos e feridos e desestabilizou a cidade por, pelo menos, dois anos e culminou em muitas prisões e exilo de alguns envolvidos. O jornal A Notícia, narra o evento, mencionando que os presos serão embarcados no navio Itaipava: “Era um sonho Dantesco. O Itaipava moveu sua possante hélice revolvendo ruidosamente as águas da Bahia. [...] O navio transpôs a barra. [...] O primeiro porto em que o navio tocou foi o de Pernambuco, isso mesmo para tomar água e carvão, pois a viagem era diretamente a Manaus.”



Figura 12: Recorte do Jornal A Notícia. 27 de novembro de 1904. Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.



A crônica de Bilac ganha relevo, principalmente, durante os anos de construção da Avenida Central. Entre 1903 e 1905 o autor documenta essa obra, apontando seus avanços e retrocessos. Nas crônicas sobre a Avenida, Bilac busca colocar em destaque a ideia de que a modernização era algo inexorável e inadiável:

O Brasil entrou, e já era tempo, em uma phase de restauração do trabalho. Ab hygiene, a belleza, a arte, o "conforto", já encontraram quem lhes abrisse as portas d'esta terra, de onde andavam banidas por um decreto da Indifferença e da Ignorância colligadas. O Rio de Janeiro, principalmente, vae passar, e já está passando, por uma transformação radical. A velha cidade, feia e suja, tem os seus dias contados. Esta revista acompanhará — se o publico quizer auxilia-la — essa lenta e maravilhosa metamorphose da lagarta em borboleta. (BILAC. Revista Kosmos, ano I, n. 1, jan. 1904, p. 10).

Na crônica, Bilac mostra que as reformas caminhavam a todo o vapor, sem sobressaltos e, mais ainda, com o apoio da população. O cronista ressalta em suas crônicas um pretenso contentamento da população com as reformas, o que não condizia com a realidade e a sua retórica buscava convencer parte da opinião pública que ainda se mostrava resistente ao moderno:

Há poucos dias, as picaretas, entoando um hino jubiloso, iniciaram os trabalhos da construção da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condenadas. (...) No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas, as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da hygiene, do bom gosto e da arte! (BILAC. Revista Kosmos, ano I, n. 3, março. 1904, p. 5).

Diante do exposto, observa-se os desacertos na formação do Brasil moderno, a partir de um urbanismo de fachada que não modificou as estruturas mais profundas da sociedade, mas antes acentuou as desigualdades sociais, no mais das vezes, revelou o longo caminho para que os direitos humanos se universalizassem no Brasil.

#### **IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A leitura aqui realizada apontou para mostrar uma faceta do longo caminho da formação do Brasil moderno, através da crônica de Olavo Bilac. O cronista nos apontou que no processo de urbanização de uma cidade é necessário que haja uma mentalidade urbana, o que passa, necessariamente pela educação do povo e não, simplesmente pela apropriação de ideias estrangeiras que implantadas em solo diverso e que são ressignificadas por uma elite. Para além desse aspecto, Bilac demarca a sua posição de intelectual imbuído da missão civilizadora e porta-voz de um processo civilizador que se daria por meio da função pedagógica da imprensa periódica.

Em suma, observa-se que Bilac possui a sua atualidade se pensarmos no espaço urbano como imagem celebrizada pela literatura, como é o caso do Rio de Janeiro, nas famosas propagandas turísticas e, sem dúvida, foi uma oportunidade de repensar esse espaço múltiplo, no qual cada habitante faz a sua leitura de cidade.

## VII. REFERÊNCIAS.

BENJAMIN, Walter. Charles **Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad de J. C. M. Barbosa e H. A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRASIL. **Constituição (1891)**, Título VI – Dos Cidadãos Brasileiros, Art. 70. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm) . Acesso em 10 de setembro de 2019.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. CANDIDO, Antonio. (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.13-22.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. Letras, Sociedade & Política: Imagens do Rio de Janeiro. In: **BIB, Rio de Janeiro**, n. 20, pp. 3-22, 2.º semestre 1985. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-20/372-letras-sociedade-politica-imagens-do-rio-de-janeiro/file> . Acesso em 10 de novembro de 2019.

CLAVAL, Paul. Parte III In: \_\_\_\_\_. **A Geografia Cultural**. Trad. Luíz Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. 4ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p.195-323.

EL FAHL, Alana F. Notas de rodapé: algumas considerações sobre a crônica literária no Brasil e os periódicos do século XIX. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores de periódicos Literários**, 4, 2013, Feira de Santana. Anais. Feira de Santana: UEFS, 2013. Disponível em: [http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel\\_anais.p31-41.pdf](http://www2.uefs.br/enapel/files/4enapel_anais.p31-41.pdf) Acesso em 08 de maio de 2019.

FILHO, Ciro Marcondes. **O capital da Notícia: Jornalismo Como Produção Social da Segunda Natureza**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização, Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

\_\_\_\_\_. A Ordem do discurso. Trad.Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios**. Trad.Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. In: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan. - jun. 2005. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417/6947> Acesso em 12 de novembro de 2019.

NASCIMENTO, Luciana Marino do. **A Cidade de Papel. Rio Branco**: EDUFAC, 2011.

\_\_\_\_\_. Avessos da Belle Époque. Os revoltosos da vacina deportados para a Amazônia. In: **Recorte**. Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Letras da Universidade do Vale do Rio Verde, vol. 10, n. 3, 2013.

Disponível em <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1122> Acesso em 10 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. Cartografias urbanas: literatura e experiência urbana na belle époque carioca. In: **Recorte**. Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Letras da Universidade do Vale do Rio Verde, vol. 12, n. 1, 2015.

Disponível em <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/2086> Acesso em 10 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. De vitrines e multidões: o nascimento do espaço urbano moderno. In: **Temas e matizes**. Unioeste, n.08, ano IV, Cascavel, 2005. p.63-70.

Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/issue/view/140/showToc> Acesso em 12 de dezembro de 2019.

NEEDELL, Jeffrey d. **A Belle Époque Tropical. Sociedade e cultura no Rio de Janeiro na virada do século** Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, M. de S. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio. (org.). **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTANA, João Rodrigo de Araujo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13697/1/DISSERTAC3%87%C3%83O%20Joao%20R.%20A.%20Santana.pdf> Acesso em: 10 de novembro de 2019.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Ed. CosacNaify, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

## PERIÓDICOS CONSULTADOS

Jornal **O Album**, jul.1893, n. 27. Código: TRB00263.0170; Rótulo: 706841. Acervo: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ

Jornal **Gazeta de Notícias**, Edição 001, ano1. N.001, 02 ago.1875-20 de nov.1904. n. 325.

Cód.: TRB00307.0171; Rótulo: 10373001. Acervo: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ

Jornal **A Notícia**, 27 de dezembro de 1904. Código: TRB01844.0072; Rótulo: 830380. Acervo: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ

Revista **Kosmos**, Revista Artística, Científica e Literária ano I, n. 3, março. 1904; 20 de nov. de 1904. Código.: TRB00143.0072; Rótulo: 146420. Acervo: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ.

Revista **O Malho**, 29 de out. 1904, ano III, n. 111, Código.: TRB00006.0167; Rótulo: 116300. Acervo: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ.

## FONTES DAS FOTOGRAFIAS

FERREZ, Marc. [Vendedora ambulante]. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], [c.1875]. 1 foto, Cópia fotográfica de gelatina e prata, 17,8 x 24,3 cm.  
Disponível em [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1450895/icon1450895.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1450895/icon1450895.jpg). Acesso em 6 novembro de 2019.

HENSCHER, Alberto. [Negra vendedora de frutas]. [S.l.: s.n.], [187-].  
Disponível em [http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=2418](http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=2418). Acesso em 6 novembro de 2019.

MALTA, Augusto. [Morro do Castelo]: C. da Floresta. [S.l.: s.n.]. 1 foto, cópia fotográfica de gelatina e prata, p&b, 15,4 x 21,61 cm.  
Disponível em [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1402181/icon1402181.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1402181/icon1402181.jpg). Acesso em 6 novembro 2019.

OLAVO Bilac: 1865-1965, Homenagem da... [S.l.: s.n.], [18--?]. 1 reprod., p&b, 12,3 x 8,8 cm em cartão 13,7 x 8,8 cm.  
Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1265185/icon1265185.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1265185/icon1265185.jpg). Acesso em: 13 jan. 2020. /

## SITE CONSULTADO

Academia Brasileira de Letras. [www.academia.org](http://www.academia.org). Acesso em 10 de agosto de 2019.